

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se a 22000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palácio n. 17. —Pagamento adiantado.

NUMERO 17.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 11 DE MAIO DE 1873.

Permitta-se-nos occuparmos-nos de um assumpto contrario ao programma do nosso jornal; uma publicação que nada tem de critica nem de litteraria; mas, que, todavia, recommendamos aos leitores, pois fascina-a a prof do bem publico, advogando, com ella, um ponto essencial dos interesses do povo,—o estado sanitario d'elle,—o que julgamos uma noble resolução, pois, na nossa humilde opinião, a defesa do povo é uma obrigação imposta á dignidade de todo jornal, seja elle critico ou litterario, politico ou religioso.

Ha muito tempo depara-se-nos no periodico Paiz uma publicação que se renova em todas as épocas de novas administrações da provincia; uma publicação pertinaz, que não excede aos limites da razão; uma reclamação, um pedido, que, pela sua importância, devia ser considerado uma or-

dem, e que, no entanto, passa despercebido quasi, porisso que se não tem dado á respeito o menor cavaco.

Trata-se da remoção das fabricas de sábio, estabelecidas em logares perniciosos á saúde publica.

A não ser uma informação, que a pro-sidencia, sob a administração preferida do Sr. commendador José Bento, exigiu da câmara municipal, que respondeu que, á regular-se pelo seu código de posturas, não estava na sua alçada remover semelhantes fabricas, não foi dada nenhuma outra providencia a tão importante respeito. Mas, já que não ha postura que as remova, criem-se novos artigos; repetira a sua remoção o Sr. inspector da saúde publica, e não desanimar o articulista do Paiz que tão temeroso é em defender os seus e os direitos e interesses de muitos.

Infelizmente, nesta terra de empenhos, a condescendencia das autoridades relacionadas com certos cidadãos, cuja impor-

tancia exageram, dão logar a muitos e repetidos escandalos, como seja o da coloração dessas estabelecimentos, que pouco a pouco envenenam a visibilidade.

QUARTA IX.

CIRCO DE MINHAS ENTANHAS

Nunca pego na pena para te escrever que não saia dentro de mim um estre-mecimento de prazer, misturado com ar-repíos de corpo, semelhantes aos que se sentem quando se muda a camisa suada defronte de uma porta aberta.

Sim, meu Chico, a ausencia de um marido faz destas conzas e é por isso que eu, apesar de gozar saúde, soffro muito, a ponto de estar magra, como a novilha maldada de nossa filha Teté. Eu e ellas duas vamos passando sem novidade de maior, si bem que um pouco adoentadas. Eu, por exemplo, tive ha dias o meu en-cunhado do costume por via da enchente deste mez que foi grande, a ponto de alagar todo o terreno visinho, que fica nas

essa silenciosa; não se ouvia senão ruído suffocado dos solteiros de Germania.

Que pois teria esse irmão tão caado? Quem o poderia desesperar assim? Na apparencia nada se havia mudado em sua vida. Que subito desgosto lhe teria vindo?

Não sabendo as causas, a moça, não podia remediar-o; entretanto, não desanimou. A força de supplicas, de ternas instancias, de ingenuas caricias ella obteve a confissão do remorso que dilacerava a alma de Natal. Era um remorso!

—Oh! eu sou mil vezes culpado; não tenho sido até o presente mais do que um consumado ego-ista, minha pobre irmã! lhe disse elle chorando. Tu és joven e encantadora; eu não tenho dota a offerer-te, ô! Mas, teu talento; tu podes, tu deves casar-te, ser feliz, ser amada por alguém que apreciará pouco a pouco o valor do thesouro, que eu lhe cederei; contanto... contanto... acrescentou elle soluçando, que me guardem um pequeno lugar no canto do fogão...

Germana tinha bem vontade de chorar: ella lhe respondeu com um riso alegre; porém ao mesmo tempo enlaçava seus braços em torno do pescoço de seu irmão, e cobria de beijos seus olhos em lagrimas.

—Ah! meu irmão! disse ella com um terno accento de exprobação, me ter dado tanto trabalho por causa d'esse mio pensamento! Para que crear, amarguras imaginarias, meu Natal. Escuta:—Ninguém, até ao presente, me tem parecido tão

FOLHETIM DO DOMINGO.

O Irmão e a Irmã.

NOVELLA.

(E. Driano).

Tradução de A. Brito.

(Continuação do n. 453)

III

Ella tinha vinte annos; as faces rosadas não haviam empallescido; mas a belleza, ou antes a graça de Germana tinha tomado um outro caracter.

Não tinha mais a timidez um pouco ingenua, um pouco desjeitosa das meninas; a sua figura de senhora de casa lhe havia dado uma gravidade e uma dignidade encantadoras; a ordem e o trabalho lhe haviam apartado da seu espirito as vaidades que muitas vozes apoderam-se das cahegas juvenis: o seu reconhecimento tão vivo para a ternura do irmão, matou o seu coração, ao mesmo tempo que enchia sua alma de deliciavel poesia.

Admirando Natal, Germana admirava tudo o que era noble, grande e generoso; o mundo com suas paixões, seus interesses mesquinhos. Joyen, e encantadora que fosse, não tinha vaidade; desprezava os elogios que havia obtido em algumas pequenas reuniões, para onde fora convidada com seu irmão; preferia seu modesto e tranquillo interior.

Comprehende-se que Natal em adoração ante esse typo tão puro, que, depois da creação de Deus era um pouco sua obra, não desejasse encontrar um segundo.

Não tinha jurado nunca casar-se; mas esse pensamento não lhe havia chegado desde que tinha á cargo o seu aijo, respondendo-lhe logo que a viu installada para sempre ao lado do seu fogão.

Para sempre!... Uma tarde que Natal sorria-se condescendentemente diante do quadro que lhe offereciam a realidade e a imaginação, que via um ao pé do outro, e tão semelhantes! o presente e o futuro, isto é, elle e ella sempre um ao pé do outro, assentados junto á mesa, separados unicamente por uma almofada; ella, em seu painel, com uma obra na agulha, e elle, com suas copias e um livro que lia alto,..... sua voz que lia um capitulo, interrompeu-se de repente, seus olhos encobriram-se de baixo de grossas lagrimas, e fechou o livro.

—Meu Deus! exclamou Germana assustada—o que tens Natal?!

Ede a tranquillizou ternamente, sem nada lhe querer declarar.

Desde esse dia, Natal ficou triste, e Germana em vão tentou distrair-o e alegrar-o.

Teria a pequena fada perdido o seu poder? Natal não queria mais rir, e a moça disse adeos á sua doce alegria.

Não mais cantigas, não mais movimentos na

arras de teu tio Colação. A Teté, diz o médico, — que está ameaçada de estalício sporádico proveniente do uso abusivo do fumo nos dentes, pois, como sabes, desde a manhã até a noite leva ella com o mólho na bocca a pretexto de limpeza de dentes e só larga quando lhe vêm as náuseas; faz pena.

Quanto a povilha supponho ser esterico, pois os symptomas do mal são iguaes aos de tua madrinha Geneveva, que morreu com 42 annos apenas e na flor da idade.

O resto do gado e os mais parentes ficaram sem novidade.

Vejo o que me dizes á respeito do teu projecto de meter o Chiquinho no Seminario, e com quanto eu não desapprovo a ideia, acho que ainda é muito cedo para entregares o pequeno nas mãos dos paes, de quem se conta tanta historia que horrorisa!

Tu sabes como o menino foi tratado por mim, com que carinhos, sempre no meu regaço, e portanto deve estranhar a differença do trato; por isso acho bom que o metas primeiro em um collegio de meninas, para elle ir se desemburrando; depois que ficar taludo, então sim, acho bom que o entregues para os religiosos.

Fico sabendo da differença que notaste no compadre Estanislão, a ponto de já não ser careca, e si poderes me arranjar por lá um remedio igual ao do compadre, mas de effeito differente, manda-me, para

hom, tão nobre, como tu. Quando eu encontrar algum mais generoso e melhor, fo' direi francamente.

— Muito francamente, interrompeu Natal, tu n'ó promettes, irmãozinho; quando mesmo eu nada adivinhasse tu me declararias tudo... tudo, namo a uma mãe, não é assim? Porque eu nunca me perdoaria, e fôrgoso confessar-te, em ter sido, embora sem saber, o infortunio de tua vida: ah! Germana, essa dôr me mataria!

— Meu bom Natal, adiante, não morrerás por isso, lhe respondeu ella, enfermeida; mas enquanto espera-se, acredita-me, vamos rir; estou cansada de chorar, e só te perdooarei por ser a causa disso, si te ver feliz e contente como outr'ora. De pressa, á meu soccorro, minha vrinha magica! A senhora fadã ordeava que se ria, senhor Natal!

Natal chorava ainda, porem abadeceu como uma criança a ordem da fadasinha; sorriu-se restituindo-lhe todos os beijos que ella lhe havia dado.

A sombra sobre o pinhal não appareceu mais, e o religioso sol o aclarava com os seus mais brilhantes raios.

IV

Germana tinha razão: ninguem se apresentou a sua frente tão nobre, tão bom, como Natal: a moça guardara inerte a seu irmão o coração que só elle soube conquistar e sempre occupar.

Os annos que passavam em suas frentes, os uniam ainda mais, se isso é possível, ao mesmo tempo que lhes traziam mais prosperidades. Pros-

eu applicar na tua cochorrinha felpuda, que na tua ausencia está de pello tão crescido que parece um bode, Francisco.

Vejo o que me dizes dos *bonds* e do Theatro: sempre te recommendo que não gastes muito, pois temos de olhar pelos filhos, ainda sem certeza de que não virão mais alguns, apesar de não sermos creanças.

A' vista do que dizes da comida, ah! vai pelo Theodoro um cofe de carne secca, marca teu nome, para te regalares, e mais o compadre.

Adeus, abraça tua mulher e deita a bengam em tua filhinha.

Francisca.

Angustiosa.

I

Parti, sem poder ao menos
beijar-te a mão setimosa,
e na tua face do rosa
ir os meus labios depôr:
partí, sem que meus olhares
podessem, a' um breve ensejo,
satisfazer o desejo
do meu infinito amor.

Quem descreverá a saudade
d'essa fôrgosa partida?
A minha alma dividida
ficou, deixando-te ahí:
devera deixar-te inteira,
pois prisioneira a fizeste,
porém, na flor que me deste,

peridade preciosa, adquirida por seu trabalho, sua economia, e pelo que cada um se regosijava com a felicidade do outro. O emprego de Natal já era mais importante, os seus vencimentos haviam mais que dobrado; Germana trabalhava sempre, apesar dos pedidos e quasi prohibições de seu irmão.

Pouco a pouco Natal havia abandonado as suas cópias, tendo composto o

SONETO Á MINHA PENNA.

Eu prometti ha tempos um soneto
A' pena minha, a tema confiante
D'irsonnes noites, q' em trabalho ardente
Cançava os dedos e o metal inquieto.

Meu pedacinho de ago, aí! quanto preto
Punhas vando no papel nitente:
Deves ter sido f' meo e innocente
A' não que dava-te um caminho recto.

* Gritas em vão, caminha p'r' adiante,
Ao espirito obdece e corre mais!
Pois tu que eu considero mui constante,

Curando pouco do que fica atraz
Um nome davas a meu peito amante
Fallavas sempre sem cessar jamaiz.

Um soneto por muito bom que seja, será realmente mais difficil para fazer-se do que um poema epico? Eu não o creio.

quando apartei-me de ti,
uma parte d'ella veio
agasalhada no aroma,
que a flor trouxe de teu seio
que, como fuma redema,
por instantes a guardou.
Foi porque, sendo a alma tua,
toda inteira não ficou.

A' noite, sobre a coberta
do navio, embalangado
pelas ondas do alto mar,
a vista se me ia incerta
longe, bem longe fitar.
E parece que, na esteira
que o barco deixa após si,
meu coração se lançava
para ir em busca de ti.

Tudo me vinha á lembrança
n'essa epocha funesta:
a tua face de creança;
aqueelles longos olhares
com que levavas-me ao céu;
o talhe casto e elegante
do teu roupão de cambraia.
De tudo isso o que hoje resta?
Um echo que, pelos ares,
vibra, morre e se perdão:
uma sombra que desmaia,
até de todo sumir-se.
Do nosso feliz amor,
como lembrança incessante,
hoje só resta uma flor.

Si acaso tens na memoria
uns longos que te recordem

Mão poeta, como denunciavam estes versos, Natal riaava com amor; mas como a sua irmã era a sua unica confidente, seu unico publico, seu unico critico, elle era um grande poeta.

— Quanto é bello, dizia ella sempre, e ouvia em extasis, olhando-o com os seus grandes olhos melancolicos d'onde muitas vezes saltavam scintillas, porque a poesia tem o dom de despertar em nossa alma pensamentos adormecidos, que, se agitam e tomam seu vôo, murmurando tão dozes cantos.

O mundo, que não comprehende as alegrias puras e pacificas, ouzava assim os lamentar em sua isolação! Sua piedade os fazia ternamente sorrir.

A fábula do *Moleira, seu filho e o livro*, será sempre verdadeira: cada um pensa segundo seu entender, ou interesses.

Muitos os chamavam egoistas e apusavam sua felicidade: — Que entes inuteis! diziam. Uns lamentavam, adairavam Germana sacrificando por seu irmão sua mocidade e o seu coração; outros, que algum tempo tinham procurado afastar Natal do seu verdadeiro trilhão, o chamavam — absurdo e ridiculo.

— Seriam-lhes melhor as muralhas d'um convento — diziam elles.

Mas, por sua parte essas duas almas tão ternas, desprezavam resolutamente as pesadas zombarias, os sarcasmos disfarçados. Apoiados um ao outro, elles seguitam na vida, e o beneficio occulto que juntos faziam, devia ser sua justificação no dia das recompensas eternas.

(Continúa.)

esse tempo que passou,
pede á elles que te acordem.
n'uma ardeção azulada
das tuas vismas de donzella,
um cuboço desbotado
d'este que tanto te amou.

Derrama, baba por baba,
esse balsamo em meu peito,
e eu ficarei satisfeito
com essa unica paga.

Recife—1871.

*Celso Magalhães.***Para ella.**

E' mais um ai dolorido,
Que solta esta rude lyra!
E' teu amor que o inspira,
Pallida Amelia querida,
Ven escuta os meus cantos
Ver as frias deste peito,
Que sangrão ao cruel effeito
Da tua affeição mentida.

Vem reanimar minhas creanças,
Já que amor eu não mereço;
Sé compassiva, eu te peço,
Eis-me a tens pés já cahido.
Bá-me nos labios um riso
Cheio d'esperança, ternura
Será a unica ventura
Do que por ti hei soffrido.

Vem escutar os meus hymnos,
Men soffrer de cruas dores,
Aceitar as marchas flores,
Desse pobre travulhar,
Que amanhã, talvez, sonhando
No seio da eternidade,
Encontre a fatalidade
Terminado o seu amor.

*Elmano Rivarola,***N'uma hora de spleen.**

Vinde a mim, companheira do infortunio,
Ajudar-me a passar a triste hora
Da tremenda partida.

Já bem poucas momentos me são dados,
Eu sinto evaporar-se como o fumo
O halito da vida!

Immovel tenho o corpo. Só a alma
Luctando por deixar o fragil barro
Meu sangue vai gelando!

Ah! que dores cruéis rasgam me o peito...
Não choras, minha lyra, que das magoas
O termo vem chegando.

A vida é como um sonho. Mal desperta-se,
A mais doce illusão desfaz-se em nada
Pela luz da verdade.

Inda hontem nutria-me de esperanças,
E já hoje nenhuma mais me resta
Além da eternidade.

Não mais do ardente sol verei os brilhos,
Nem das lindas estrellas que fluctuão
No céu com mago encanto.

Das creanças que meu peito alimentavão,
Já nem uma sequer vem compassiva
Mitigar o meu pranto.

Adens nimosas flores das campinas,
Com que out'ora engrinaldava a fronte
Da minha terna Elvira!
Adens, quadra feliz dos meus amores,
E tudo que na vida me enlevava
Aos sons da pobre lyra!

Si no mundo passei sempre esquecido,
E meu nome não vi levar-se ufano
Da gloria do cumulo;
Ao menos me consola a doce idéa
De que tranquillo gosará mea corpo
O descanso do tumulo.

Não me queima o remorso a consciência,
Nem o estigma de aviltante infama
Despertará meu somno,
Minh'alma poderá partir sem medo!
Eu não temo, entre amigos, que me corque
O frio do abandono.

E tu, oh! minha irmã, candida pomba,
Mão deixes que tens olhos tão formosos
O pranto vá turvar.
Cansada jaz minh'alma de pezares,
O repouso que pede o soffrimento
No céu vou procurar.

Só por ti, minha mãe, é que não posso
Quebrar o elo que me prende ao mundo,
Saltar o extremo adens.
Pagar o teu amor foi-me impossivel,
Elvaste mui alto o teu carinho;
Teu premio é só de Deus.

S. Luiz.

*Miguel Marques.***Pedro e Camilla.**

(Cen. de Alfred de Musset).

(cena. 14)

Assim fallava o bom velho que, quan-
do tinha á dizer alguma coisa interessan-
te, nunca se lembrava que sua sobrinha
não podia ouvir-o nem responder-lhe.

Conversava com ella, sem o querer,
Quando queria explicar-se por signaos,
peor se sabia; ella o comprehendia menos.
Portanto, adoptou o costume de lhe fallar
como aos outros, gesticulando, é verdade,
com todas as suas forças; Camilla acos-
tumou-se á esta pantomima fallante, e acha-
va meio de responder a seu modo.

Com effeito o luto de Camilla acabára,
como o dizia o bom homem. Elle man-
dou fazer dous bonitos vestidos para sua
sobrinha e lh'os apresentou com um ar ao
mesmo tempo tão terno e tão supplice, que
ella saltou-lhe ao pescoço para lhe agra-
decer, volvendo á sentar-se com a calma
tristeza com que sempre a vião.

—Porem isto ainda não é tudo, disse o

tio, é preciso vestil-os, estes bellos ves-
tidos. Forão feitos para isso, estes vesti-
dos; e que bonitos são!

E passava pelo quarto á fazer dançar
os vestidos como bonecas.

Camilla tinha assaz chorado para que
lhe viesse um momento de alegria.

Pela vez primeira depois da morte de
sua mãe, ella levantou-se: poz-se em fren-
te do espelho, tomou um dos vestidos
que lhe mostrava seu tio, olhou-o com
ternura, estendeu-lhe a mão e fez um pe-
queno movimento de cabeça, que queria
dizer: sim.

A este signal, o bom Girard poz-se a
pular como uma criança, com seu gros-
so sapatoes. Triunphara enfim! soara a
hora em que seriam cumpridos seus de-
sejos; Camilla ia preparar-se, sahir com
elle, ir á opera, ver o mundo; á esta lem-
brança elle não cabia em si de contente,
abraçava repetidamente a sobrinha, gri-
tando atraz da camareira, dos criados, e
de todo o pessoal da casa.

Findo o toilette, Camilla estava tão hel-
la, que ella mesma, reconhecendo-o, sor-
riu-se á propria imagem.—

A sege nos espera, disse o tio Girard,
buscando imitar com os braços o gesto
do cocheiro que fastiga os animaes e com
a bocca o ruido das rodas. Camilla sorriu
de novo, tomou o vestido de luto que
acabava de despir, dobrou-o com cuidado,
beijou-o, guardou-o no armario e partio.
(Continúa.) *A. Gabriel.*

CHRONICA.

Nos circulos rigorosamente circumscrip-
tos que frequento, têm sido n'estes últi-
mos dias tão monotonas as reuniões, tão
baldas do menor interesse, que me não
foi possível colher uma noticia sequer
digna do delicado paladar dos meus leito-
res.

E não se diga que á falta de assumpto
succolento tenham os concorrentes arriba-
do. Não senhores. Reunimo-nos diaria-
mente, e diariamente nos despedimos á
maneira daquelles compadres, cuja histo-
ria é bem sabida, dizendo uns para os ou-
tros:

—«Adios, até amanhã; appareçam mais
cedo para conversarmos.»

E no dia seguinte... *simillis cum simi-
libas...*

Mas não é isto motivo para julgar-se
que os assumptos ali tratados não este-
jam na razão directa dos frequentadores,
ou que estes não atinjam á altura neces-

saria para apreciar os factos que por ventura occorram n'esta cidade, sejam elles do maior melindre.

Aptidão ha lá bastante, e talvez de mais, mas é que desgrazadamente nenhum dos circumstantes tem conhecimento de certas cousinhas que por ali succedem, senão depois de muito sodicas.

Tenho por isto raciocinado que um cidadão nas minhas condições, isto é, encarregado de fazer chronicas quinzenalmente, deve frequentar as portas das boticas, os clubs, e finalmente todas aquellas reuniões onde o froteto de espirituosos ditérios corre parrelhas com a profusão das novidades diarias.

Sobre o meu ingresso, porém, n'esses centros que infundem maior respeito e consideração, e onde, por isso, se pôde fallar de todos e de tudo, hei de pensar maduramente,—si bem que não o considero de grande difficuldade, visto que hoje em dia tudo se está accommodando ás exigencias da epocha.

Haja vista ás iniciações da maçonaria, que tão raras eram outr'ora, e que depois dos *heroicos feitos* de diversos diocesanos, se estão succedendo umas ás outras admiravelmente, pelo que se deixa ver que —por exempl.—a *instrução pastoral* do Sr. D. Antonio da Macedo Costa, illustrado bispo do Pará, tem produzido um effecto verdadeiramente retroactivo.

Console-se S. Exc. Revma. com nós outros chronicistas, que também ás vezes tentamos distrahir os nossos leitores com pilherias e galateias, e só conseguimos aborrel-os mais.

Occasiões ha em que um pobre *Eloy, o heroe*, como eu, poderia beadar affectivamente á imitação do Hercules Cordeiro da comedia *As pragas do coronel*:

«Eu desabei a desgraça,
«o mundo, os homens aqui.»

para que façam uma chronica recheada de interessantes novas, espirituosa, satyrica, diabolica enfim, como exigem alguns assignantes do *Domingo*.

Voltando, porém, á *vacca fria*, tenho agora a communicar aos leitores que nos chegaram do Pará mais novas importantes. O prelado d'aquella diocese

«d'um grosso bico armado, de tucano.»

continua a dar bicuarada de ego na maçonaria; já logrou arrebatá-lhe uma *victima incauta*; essa *incauta victima*, porém, differente de todas as outras, tem a singular esquisitez de ser *escanada*! Este facto de grande alcance *politico* para os que seguem á risca a doutrina do *venha a nós*, é digno de apreciações e commentarios, pois não estando nós em *tempos de maiores aquellas para que digamos*, não acho desnaturaes estas *resoluções*, filhas por sem duvida de uma consciencia elastica, e mormente na terra da borracha.

O acontecimento, portanto, em nada me surpreheender pelo motivo exposto, e se causou algum alvoroço no animo *das gentes*, creio que não se deu outro tanto com

os meus leitores qua sabem perfeitamente não ter sido aquella abjuração tão barata como isso.

Uma cadeira de allemão valte alguma cousa, e o ser-se fornecedor directo e privilegiado da santa sé, tambem não é *moique do tio Chico*.

Congratulem-se, pois, os maçons com a retirada d'este transfiga. —pois o seu procedimento me obriga a suppor que é digno da milicia a que foi pertencer.

Parabens ao Sr. bispo.

—Recebemos da illustre commissão da festa popular do trabalho um bem elaborado relatório da sua segunda e ultima exposição, que teve logar o anno passado no estabelecimento dos Educandos Artifices, contendo a lista dos Srs. expositores, a relação dos productos, e um parecer, ainda que nem sempre justo, sobre o valor delles. Não sei porque a fabrica de chapéus da viuva Gemignano recebeu o 1.º premio, quando a do Sr. Blum recebeu o 2.º.

Muito agradecemos a delicada offerta.

—O *Publicador Maranhense* fez com o Sr. Peregrino Pinheiro o mesmo que o articulista do *Domingo* com o Sr. João Jorge! Assassinou-o sem contemplação.

Erratum humanum est!

—A escassez de novidades não é de todo completa desta vez, pois tenho a noticiar que se aguarda com ansiedade o concerto vocal e instrumental que deve ter logar 5.ª-feira nos salões da *Limitada*; dado pelo basso profundo Giovanni Scolari, e no qual tomam graciosamente parte as Exmas. Srs. DD. Rachel Ziegler e Emilia Moura, bem como os distinctos professores Raiol, Joaquim Zeferino e Guignard.

E' de esperar que o numero de concorrentes seja consideravel, pois que raras vezes se nos offerecem tão agradaveis distrações.

O concerto estava annuciado para hoje; foi, porém, transferido para aquelle dia.

—Tambem me cumpre noticiar que houve no domingo passado um espectáculo no theatro das *Variiedades*, bastante concorrido, e onde diversos curiosos exhibiram as comedias *Convidado o Coronel*, *Os Timandros* e esta outra peça *Uns atraz dos outros*, que não pude descobrir a que genero de composição pertence. Falta de comprehensão, talvez...

O desempenho correspondendo á expectativa do auditorio que em tudo se mostrou benemerente.

Consta-me que brevemente terá logar no mesmo theatrinho outro espectáculo, em que tomarão parte curiosos de gosto.

—Sobre o assumpto que actualmte preoccupa todos os animos não me cumpre dizer uma palavra, por ser materia de uma transcendencia superior á minha apreciação, embora sobre ella se tenham pronunciado todas as opiniões.

Refiro-me á de ha muito suspirada e finalmente proferida sentença n'uns autos de *Insistencia*,—objecto que tem abalado meio Maranhão, deixando a outra metade indecisa e vacillante.

—Alguns dandys, cujo *forçar religioso*

não tem limites, e em virtude do qual se encaminharam uma noite d'estas para o Recolhimento de N. S. d'Anunciação e Remedios afim de assistirem á festividade do mez Maiuno, deram com o nariz na porta, e ficaram sabendo que aquellas festividades são ali feitas de manhã.

Houve então que lhes indicasse o Hospicio de S. Thiago para onde se podiam dirigir com o seu nobre intuito; mas os *meliantes* desistiram logo do religioso proposito, dizendo que *os santos* do Hospicio não se parecem nada com *as santas* do Recolhimento...

«Oh! gente onsa! ha mais que quantas!...»

—Muito heide estimar que o leitor não tenha soffrido tambem a perda de alguma parede de sua casa, que haja desmoronado pelas grandes chuvas que têm caído e que tantos estragos e desmoronamentos têm causado por ali. Sexta-feira só se ouvia dizer: Desabou uma parede em casa de Fulano; desmoronou o muro de Beltrano, cahio um paredão de Serrano; de modo que os desabamentos e a heri-heri, de engolta com a Pastoral do Bispo, a Salsa e Caroba e as multas do presidente do jury constituem a ordem de todos os dias. Não se ouve fallar em outra coisa. De manhã, desmoronamentos; ao almoço, heri-heri; ao meio dia, salsa e caroba; e a noite, multas do jury! Safa!

—Vou dar aos leitores a noticia de um plagio musical e a de um outro typographico:

Na Bahia foi cantada uma missa composta pelo sympathico Leonadio Raiol, como obra hespanhola, levada á terra da Santa Cruz por alguns artistas da companhia da Zarzuellas, que cá esteve; e em Pernambuco foi encadernada na *typ. Mercantil* a obra do Sr. Dr. Belfort, impressa nesta typographia do *Paiz*, levando na capa o nome daquella.

E como o *Domingo* vae á Pernambuco e á Bahia, espero que dêem a *Cezar* o que é de *Cezar*, podendo particularmente ao collega do *Alabama*, da Bahia, que trate de pôr á mostra a calva dos hespanhòes e ao da *America Illustrada*, de Pernambuco, que faça o mesmo com a *typ. Mercantil*.

E dice.

Eloy, o heroe.

AVISO.

Avisa-se aos Srs. assignantes que a cobrança será feita, repartidamente, pelas 12 pessoas que compõem a associação.

Maranhão—Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires.